



tanto, recebem bolsas que variam entre R\$ 200 e R\$ 450, de acordo com o número de horas dedicadas ao projeto.

Jaques Jesus, psicólogo e assessor de Diversidade e Apoio aos Cotistas da vice-reitoria da UnB, afirma que o foco da universidade não é a divulgação de números e estatísticas sobre o desempenho dos cotistas porque não há expectativa de que ele seja diferente dos demais alunos. “Nossa preocupação é com a questão da permanência, com a profissionalização e a boa formação acadêmica dos cotistas”, diz o assessor

INCLUSÃO Democratizar o acesso à universidade de grupos historicamente excluídos, adotando-se soluções alternativas às cotas, é a proposta adotada em 2005 pela Unicamp. Foi criado o Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (Paais), um sistema de pontuação para estudantes que tenham cursado todo o ensino médio numa escola pública que recebem, na segunda fase do vestibular, 30 pontos a mais na nota final. Dentre esses, os que se identificarem como pretos, pardos ou indígenas recebem mais 10 pontos.

Na avaliação feita pela universidade, os alunos beneficiados pelo programa tiveram não só uma melhora em relação ao desempenho no vestibular mas também um rendimento acadêmico médio maior, em 29 dos 55 cursos da Unicamp em 2005. Segundo dados da Comissão Permanente para os Vestibulares (Comvest), o destaque foram os cursos de física noturno (rendimento 14,4% maior),

engenharia agrícola (11,5%), tecnologia em construção civil (9,3%), estatística (8,1%) e música-composição (7,1%).

Pioneiro no Brasil, esse sistema de pontuação não se restringe mais à Unicamp. No estado de São Paulo, as Faculdades de Tecnologia (Fatecs) implantaram um sistema semelhante: candidatos oriundos de escolas públicas ganham pontos extras na nota final assim como candidatos que se auto-declarem afrodescendentes. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) adiciona pontos às notas finais se o candidato tiver cursado o último ano do ensino fundamental e todo o ensino médio na rede pública. A Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal Rural de Pernambuco concedem bônus de 10% na classificação final para aqueles alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas da região metropolitana do Recife e instituições de ensino do interior do estado, respectivamente. Dentre essas universidades que adotaram o sistema de pontuação, apenas a Unicamp atribui pontos extras a partir da auto-declaração de cor/etnia dos candidatos.

“Acredito que, conforme as universidades federais continuem a implantar programas de ação afirmativa próprios, a discussão sobre cotas perderá força. Seria muito bom que a autonomia universitária fosse respeitada”, diz Leandro Tessler, coordenador executivo da Comissão de Vestibulares da Unicamp (Comvest).

Carolina Cantarino

MÍDIA

Ministério faz mapeamento dos programas de rádio

Há menos de um século surgia a primeira emissora de rádio no Brasil já com o propósito de “ser a escola dos que não tiveram escola”, como disse um dos seus fundadores, o educador Edgard Roquette-Pinto. Inaugurada em 7 de setembro de 1923, a Rádio Sociedade foi idealizada na Academia Brasileira de Ciências, e oferecia uma programação voltada para o cotidiano científico, com palestras, notícias de jornais comentadas e debates com cientistas ilustres em visita à então capital do país, o Rio de Janeiro. Assim foi com Albert Einstein, em 1925, que destacou o rádio como instrumento da divulgação científica.

É a mesma convicção que levou o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), através do Departamento de Popularização da Ciência, a organizar, em junho último, o primeiro seminário para discutir experiências de programas radiofônicos sobre ciência e traçar diretrizes para políticas de incentivo a esse tipo de divulgação. O rádio, que já foi o veículo mais popular do país, hoje



está em segundo lugar: segundo dados de 2004 do IBGE, 90,3% dos domicílios brasileiros possuíam aparelho de TV e 87,8% rádio. O próximo passo no plano governamental é mapear os programas de ciência, existentes nas emissoras nacionais, o que permitirá melhorar o intercâmbio entre os profissionais, criar programas de apoio governamentais para divulgar ciência e tecnologia por esse meio, além de incentivar programas focados nesses temas, dando maior visibilidade a atividades científicas do país. A coordenação desse trabalho é de Ildeu de Castro Moreira, diretor do Departamento de Popularização da Ciência, que trabalhará em parceria com a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás), Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em colaboração com o projeto europeu Science in Radio Broadcasting European (SCIRAB).

NA EUROPA Os pesquisadores do projeto europeu – Matteo Merzagora, Marzia Mazzonetto e Elisabetta Tola – realizaram um mapeamento de 75 programas de ciência no rádio em 16 países. Verificou-se que a maioria deles era diário ou semanal, com duração de 30 minutos, tinham mais de cinco anos de existência e dois terços

dos apresentadores eram jornalistas especializados em ciência. Na Europa, o veículo tem grande força, já que 27% da população considera o rádio o meio de comunicação mais confiável, à frente da TV e da mídia impressa. “Há muita ciência no ar na Europa”, afirma Marzia, “é possível ouvir ciência no rádio das 6hs à meia noite, sete dias por semana, sem interrupção, mudando de estações nas rádios européias”. Na Inglaterra, o rádio supera a TV em audiência e na Itália possui cerca de 37 milhões de ouvintes. A experiência européia deverá servir de base para o projeto brasileiro que, no entanto, atuará em uma dimensão muito ampliada, já que são mais de 8,5 milhões de km² de território, por onde estão espalhadas 1.335 emissoras comerciais AM e outras 938 que operam em FM. Com tal amplitude, a expectativa é que haja colaboração de diferentes frentes de informação. Moreira informa que, quem tiver conhecimento de programas de ciência no rádio ou profissionais que trabalham neles, pode informar pelo e-mail radiociencia@fiocruz.br. Sua expectativa é concluir o mapeamento ainda este ano. Para os pesquisadores italianos, o rádio pode ser um importante difusor de informações científicas,

embora hoje ainda seja subutilizado. Por suas características – baixo custo, amplo alcance, acessível à população de baixa renda e que possibilita uma comunicação tão amistosa com o ouvinte – seria, certamente, o meio ideal para debater questões controversas na ciência.

RÁDIO WEB Durante o encontro do MCT, foi lançada a Rádio Web (<http://agenciact.mct.gov.br/index.php/content/view/40010.html>), canal de comunicação do ministério voltado à divulgação de notícias e informes sobre ciência e tecnologia. As notícias ali divulgadas poderão ser retransmitidas gratuitamente por outras emissoras. O representante do MCT acrescenta que a TV, veículo de comunicação mais popular no país, requer um trabalho semelhante. Muitas dos programas científicos hoje existentes costumam ser transmitidos em horários de baixa audiência e as notícias jornalísticas geralmente não dão espaço para debates e diálogos, ao menos na TV aberta. Segundo Moreira, até o final do ano o MCT promoverá um seminário sobre ciência na TV que seguirá a mesma linha do evento sobre rádio.

Germana Barata